



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

O OUTRO COMO ISSO

Marcos Roberto Inhauser

Diz o texto do Gênesis, que para mim é sapiencial e não histórico, que “não é bom que o homem esteja sozinho”. O ser humano só não se realiza. Ele precisa do outro à sua frente para que tome consciência de si mesmo. Sem o outro, sem a alteridade, não há identidade. A identidade se dá no diálogo com a alteridade.

Quando o ser humano se vê no outro e, por conseguinte também se vê, percebe que não está sozinho e que ambos não são produto um do outro, mas que algo maior e acima deles os fez a ambos. E ao dialogar com o outro, percebe a diferença, a divergência e se assusta que o outro, parecido a ele, não é uma cópia, mas que, quem os criou, fez a cada um diferente. Explorar estas diferenças é maravilhoso. Descobrir no outro o que não sou e o que sou é um exercício de teologia, porque é pensar no Criador de ambos diferentes. Pensar em si vendo e dialogando com o outro é reconhecer que quem os fez é superior, maior que ambos. O diálogo com a diversidade é um exercício de teologia e ao mesmo tempo é um processo de humildade, ao reconhecer que Deus é maior que a somatória de todos os seres humanos.

Ser humano é ser a experiência da diferença, a vivência da confrontação, o crescimento pelo questionamento, é ver-se “*Opus Magna Dei*” sem se orgulhar do fato porque todos somos obra divina.

Fico pasmo quando há religiosos, com títulos pomposos ou não, que querem que todos pensem a mesma coisa, que todos tenham as mesmas opiniões, que todos aceitem a interpretação das Escrituras que eles fazem como sendo normativa para todos. O fundamentalismo tem este vício de origem: todos devem concordar com uma coleção de formulações. E aí dos que discordam!

Quando assim procedem, em nome de Deus apequenam o ser humano. O outro passa a ser “isso” (Buber), objeto de manipulação, de inculturação, de exploração. O ser humano tornado “isso” se transforma em objeto de abuso, vítima da violência simbólica dos que lhe impõe o que devem crer, verdadeiros estupradores emocionais e intelectuais.

Mais que isto, quando a relação ser humano/Criador é mediatizada por uma figura interposta, seja ela que título venha ter, é um processo de alienação de profundas consequências. Ao ser mediatizado na sua relação com o Criador, perde a essência do ser: ver-se como obra de Deus, dialogar com Ele e louvá-Lo pela forma única e ímpar que foi criado. Esta relação é terceirizada para o religioso que ora por ele, que pede as bênçãos por ele, que se torna canal da benção de Deus. Com isto, o ser humano vira membro de uma seita ou igreja e contribuinte regular via dízimos e ofertas. Em outras palavras, passa a ser propriedade privada desta ou daquela religião.

Para mantê-lo cativo, fabricam culpas e pecados, sendo a apostasia o maior de todos. E assim, a liberdade de pensamento, de reflexão, de consciência vai para a cucuia.